

A Filosofia Primeira – Alkindī (terceira parte do primeiro segmento)

EDIÇÃO DO TEXTO ÁRABE, TRADUÇÃO E NOTAS:

MIGUEL ATTIE FILHO*

Com a presente tradução da terceira parte da metafísica de Alkindī, completamos praticamente dois terços desta sua obra. Inicialmente – como vimos em *Tiraz 3*, pp. 129-159 – nosso autor apresentou a filosofia como saber universal, um trabalho de muitas gerações pelo esforço de alguns homens. Em conexão com os princípios que ele julgou terem sido indicados por Aristóteles, ao longo da exposição a respeito do tempo e da eternidade; do movimento e do repouso; e da continuidade ou não do corpo do universo, a metafísica de Alkindī não deixou também de se aproximar do espírito mutazilita, utilizando a razão, acima de tudo, como instrumento seguro e luminoso na elucidação das questões mais obscuras trazidas pela revelação. Nesta terceira parte, nosso autor segue a mesma argumentação filosófica cerrada, perguntando-se de início se algo pode ser ou não ser causa de sua essência. A partir daí, seguindo ainda pelas categorias aristotélicas tais como substância, acidente, gênero e espécie, Alkindī dirige-se ao tema que domina toda a seção: afinal, as coisas em si mesmas são unas ou são múltiplas? Ou seriam simultaneamente ambas? E, se assim forem, há primazia de uma instância sobre a outra? Digno de nota, por fim, é o rico vocabulário filosófico usado ao longo de toda a seção. Nesse sentido, procuramos nos manter o mais perto possível de suas estratégias lingüísticas, dando continuidade, assim, a uma revisão do vocabulário da metafísica em língua árabe.



الفن الثالث

من الجزء الأوّل

وقد يتلو ما قدمنا البحث عن الشيء، هل يمكن أن يكون علة كون ذاته أم لا يمكن ذلك؟

فنقول: إنه ليس ممكن أن يكون الشيء علة كون ذاته، أعني بكون ذاته: تهوية من شيء أو من لا شيء. فإنه قد يقال كون- في مواضع آخر- للكائن من شيء خاصة. لأنه لا يخلو من أن يكون أيضاً وذاته ليس، ويكون ليساً وذاته أيس، أو يكون أيساً وذاته ليس. أو يكون أيساً وذاته أيس.

فإن كان ليساً وذاته ليس، فهو لا شيء، وذاته لا شيء. ولا شيء: لا علة ولا معلول، لأن العلة والمعلول إنما هما مقولان على شيء له وجود ما، فهو إذن علة كون ذاته، إذ ليس هو علة مطلقاً. وقد قيل: إنه علة كون ذاته، وهذا خلف لا يمكن. فليس يمكن أن يكون علة كون ذاته إن كان ليساً وذاته ليس.

وكذلك يعرض إن كان ليساً وذاته أيس، لأنه أيضاً إذ هو ليس لا شيء، ولا شيء: لا علة ولا معلول كما قدمنا، فهو لا علة كون ذاته. وقد تقدم أنه علة كون ذاته، وهذا خلف لا يمكن. فليس يمكن أن يكون كون ذاته، إن كان ليساً وذاته أيس. ويعرض من ذلك أيضاً أن يكون ذاته غيره، لأن المتغيرات هي التي يمكن أن يعرض لأحدها مال يعرض للآخر، فإذا عرض له أن يكون ليساً، وعرض لذاته أن يكون أيساً، فذاته هي لا هو، وكل شيء فذاته هي هو، فهو لا هو، وهو هو، وهذا خلف لا يمكن أيضاً.

وكذلك يعرض إن كان أيساً وذاته ليس، أعني أن تكون ذاته غيره، إذ عرض له غير ما عرض لذاته. فيجب من ذلك - كما قدمنا - أن يكون هو هو، وهو <لا> هو. وهذا خلف لا يمكن أيضاً. فليس لإذن يمكن أن يكون أيساً وذاته ليس.

وكذلك أيضاً يعرض إن كان أيساً وذاته أيس، وكان علة كون ذاته، لأنه إن كان علة ذاته المكونة لها، فذاته معلولة، والعلة غير المعلول. فقد عرض له إذن أن يكون علة ذاته، وعرض لذاته أن تكون معلولة. فذاته هي لا هو، وكل شيء فذاته هي هو. فيجب إذن من هذا الفن أن يكون هو لا هو، وهو هو، وهذا خلف لا يمكن.

Terceira Parte do Primeiro Segmento

41/0

A investigação com respeito à coisa pode vir em seguida àquilo que já abordamos: será possível que a [coisa] seja a causa do ser de sua essência, ou isso não é possível?

Dizemos, pois: não é possível que a coisa seja a causa do ser de sua essência – com “ser da sua essência” quero dizer [se] sua identificação é proveniente de algo ou [se] não é proveniente de algo, visto que em outros lugares, “ser” pode ser dito em vista do ente, que provém de algo particular – porque, forçosamente, ou a [coisa] “é” e sua essência “não é”; ou ela não “é” e sua essência “é”; ou ela “não é” e sua essência “não é”; ou ela “é” e sua essência “é”.

Agora, se ela não é e sua essência não é, então ela não é coisa alguma, sua essência não é coisa alguma e “coisa alguma” não é nem causa e nem efeito, na medida em que causa e efeito, ambos, somente são predicados a respeito de algo que tenha uma certa existência. Logo, ela não é a causa do ser de sua essência, visto que ela, de modo algum, é uma causa – ao passo que foi dito que ela seria a causa do ser de sua essência, o que é absurdo, impossível. Portanto, caso a [coisa] fosse e sua essência não fosse, então, seria impossível que ela fosse a causa do ser de sua essência.

O mesmo ocorre se ela não é e sua essência é, pois, na medida em que não é, ela também não é coisa alguma; e “coisa alguma” não é nem causa e nem efeito, conforme já adiantamos. Logo, ela não é a causa do ser de sua essência, ao passo que havíamos antecipado que ela seria a causa do ser de sua essência, o que é um absurdo, impossível. Portanto, se ela não é e sua essência é, não seria possível que ela fosse a causa do ser de sua essência. A partir disso, aconteceria também que sua essência seria um outro, que não ela – na medida em que as alteridades são aquelas das quais é possível sobrevir a uma delas o que não sobrevém às outras. Ora, se acontecesse de que ela não fosse, e acontecesse de que sua essência fosse, então sua essência não seria a [coisa] e sua essência seria a [coisa]: ora, “ela não é ela” e “ela é ela” também é absurdo, impossível.

O mesmo ocorre se ela é e sua essência não é – quero dizer, sua essência seria outra que ela, na medida em que ocorreria a ela algo que não ocorresse à sua essência. Ora, como já adiantamos, isso implica que “ela fosse ela” e “ela [não] fosse ela”, o que também é absurdo, impossível. Portanto, não é possível que ela seja e sua essência não seja.

O mesmo também ocorre se ela é e sua essência é – sendo ela a causa do ser de sua essência – porque se ela fosse causa de sua essência, a qual seria engendrada por ela, então, sua essência seria efeito seu. Ora, a causa não é o efeito. Logo, aconteceria de ela ser a causa de sua essência, enquanto sua essência seria o efeito seu. Assim, sua essência não seria ela [mesma], ao passo que a essência de toda coisa é ela [mesma]. A partir desse ponto, seria necessário, portanto que “ela fosse ela e não fosse ela” e, por outro lado, que “ela fosse ela”. Ora, isso

فليس يمكن أن يكون أيضاً ذاته أيساً، وهو علة كون ذاته. ومثل هذا أيضاً يعرض إن كان ليساً وذاته ليس، وهو علة ذاته، وذاته معلولة أيضاً، أن يكون هو هو، وهو لا هو. فليس يمكن إذن أن يكون شيء علة كون ذاته، وذلك ما أردنا أن نوضح.

وإذ قد تبين ذلك فنقول: إن كل لفظ فلا يخلو من أن يكون ذا معنى أو غير ذي معنى، فما لا معنى له فلا مطلوب فيه، والفلسفة إنما تعتمد ما كان فيه مطلوب، فليس من شأن الفلسفة /استعمال ما لا مطلوب فيه. وما كان له معنى لا يخلو من أن يكون كلياً أو جزئياً، والفلسفة لا تطلب الأشياء الجزئية؛ لأن الجزئيات ليست متناهية، وما لم يكن متناهياً لم يحط به علم، والفلسفة عالمة بالأشياء التي لها علمها بحقائقها.

فهي إذن إنما تطلب الأشياء الكلية المتناهية المحيط بها العلم كمال علم حقائقها. والأشياء الكلية العامة لا تخلو من أن تكون ذاتية، أو غير ذاتية. أعني بالذاتي ما هو مقوم ذات الشيء، وهو الذي وجوده قوام كون الشيء وثباته، وعدمه انتقاص الشيء وفساده. كالحياة التي بها قوام الحي وثباته، وبعدمها فساد الحي وانتقاضه. فالحياة ذاتية في الحي. والذاتي هو المسمى جوهرياً، لأن به قوام جوهر الشيء.

والجوهري لا يخلو من أن يكون جامعاً أو مفرقاً: أما الجامع، فالواقع على أشياء كثيرة يعطي كل واحد منها حده واسمه، فهو يجمعها بذلك. والواقع على أشياء كثيرة بأن يعطي كل واحد منها اسمه وحده، إما أن يقع على أشخاص، كالإنسان الواقع على كل واحد من أوحاد الناس، أعني على كل شخص إنساني، وهذا هو المسمى صورة، إذ هي صورة واحدة واقعة على كل واحد من هذه الأشخاص. وإما أن تقع على صور كثيرة كالحي الواقع على كل صورة من صور الحي كالإنسان والفرس. وهذا المسمى جنساً، إذ هو بجنس واحد واقع على كل واحد من الصور. أما الجوهري المفرق، فهو الفارق بين حدود الأشياء،

é absurdo, impossível. Portanto, não é possível que ela seja e sua essência não seja, sendo ela a causa de sua essência. Caso similar também acontece se ela não é e sua essência não é – ainda com ela sendo a causa de sua essência e esta sendo efeito [seu] – [resultando em] “ela é ela”, e “ela não é ela”. Não é possível, portanto, que a coisa seja a causa do ser de sua essência; e isto era o que queríamos esclarecer. 43/5

Bem, na medida em que isso ficou claro, dizemos que, forçosamente, todo termo ou tem um significado ou não tem um significado. Quanto ao que não tem significado, não há o que investigar a seu respeito, pois a filosofia somente retém aquilo em que há o que ser investigado, não cabendo à filosofia, portanto, ocupar-se daquilo em que não há o que ser investigado. Por outro lado, quanto àquilo que tem significado ele é, forçosamente, ou universal ou particular. Ora, a filosofia não investiga as coisas particulares, na medida em que os particulares são infinitos, e aquilo que não é finito não comporta ciência, porquanto a filosofia é aquela que conhece as coisas por meio da ciência que tem de suas realidades. Assim, ela somente investiga as coisas universais finitas, que comportam a ciência, em vista de obter a ciência de suas realidades. 43/10

Ora, forçosamente, as coisas universais, gerais, ou são essenciais ou são não-essenciais – por “essencial” quero dizer aquilo que estrutura a essência da coisa, isto é, a existência daquilo por meio do que é estruturado o ser e a estabilidade da coisa, e cuja privação é o meio pelo qual a coisa se anula e se corrompe como, por exemplo, a vida, por meio da qual está estruturado o vivente com sua respectiva estabilidade, enquanto com sua privação, há a corrupção e a anulação do vivente. Logo, a vida é essencial no vivente. O essencial é chamado “substancial”, visto que é por meio disso que se estrutura a substância da coisa. 43/15

Agora, é forçoso que o substancial seja reunidor ou separador. Enquanto reunidor, aplica-se a inúmeras coisas, dando a cada uma delas sua definição e seu nome, reunindo-as, pois, com isso. Agora, o que se aplica a muitas coisas enquanto dá a cada uma delas seu nome e sua definição ou se aplica a indivíduos – como, por exemplo, “homem” é o que se aplica a cada um dos seres humanos, quero dizer a cada indivíduo humano, e isto é chamado “forma”¹, na medida em que é uma mesma forma aplicada a cada um daqueles indivíduos – ou se aplica a muitas formas – como, por exemplo, “vivente” é aquilo que se aplica a cada uma das formas do vivente tal como “homem” e “cavalo”, e isto é chamado “gênero” visto que é um mesmo gênero é aplicado a cada uma dessas formas. Agora, enquanto substancial separador, é ele quem discrimina entre as definições das coisas como, por exemplo, “racional”, como aquilo 43/20 43/25 45/0

¹ Rashed (n.41) observa que o termo *صورة* / *ṣūrah* adquire nesta passagem o sentido de espécie, reproduzindo o sentido duplo herdado do termo grego *eidos*. O sentido é mesmo o de espécie em contraste com os indivíduos, por um lado, e o gênero de outro. O termo mais usado para espécie é *نوع* / *naw*, mas este não ocorrendo aqui, preferimos manter “forma”.

كالناطق الفاصل لبعض الحي من بعض. وهذا هو المسمى فصلاً، لفصله بين الأشياء من بعض.

وأما الذي ليس بذاتي، فهو ضد هذا التقدم وصفه. وهو الذي قوامه بالشيء الموضوع له، وثباته به، وعدمه بعدم الشيء الموضوع له فهو إذن في الجوهر الموضوع <له>، وليس بجوهري بل عارض لجوهر فسمي لذلك عرضاً.

وهذا الذي في الجوهر لا يخلو من أن يكون في شيء واحد منفرداً به، خاصاً له دون غيره، كالضحك في الإنسان، والنهيق في الحمار، فيسمى لذلك خاصة، لأنه يخص شيئاً واحداً، أو يكون في أشياء كثيرة يعمها، كالبياض في الورق والقطن، فسمي لذلك عرضاً عاماً على حاله، لأنه يعرض لأشياء كثيرة.

فكل ملفوظ له معنى: إما أن يكون جنساً، وإما صورة، وإما شخصاً، وإما فصلاً، وإما خاصة، وإما عرضاً عاماً، وهذه جميعاً يجمعها شيئان، هما الجوهر والعرض. فالجنس والصورة والشخص والفصل جوهرية، والخاصة والعرض العام عرضية، وإما كلا وإما جزءاً، وإما مجتمعاً، وإما مفترقاً.

وإذ قد تقدم ذلك فلنقل على كم نوع يقال الواحد، فنقول: إن الواحد يقال على كل متصل، وعلى ما لم يقبل الكثرة أيضاً. فهو يقال إذن على أنواع شتى، ومنها الجنس والصورة والشخص والفصل والخاصة والعرض العامي، وعلى جميع ما قد قدم.

والشخص إما أن يكون طبيعياً كالحيوان، أو النبات، وما أشبه ذلك؛ وإما صناعياً كالبيت، وما أشبه. فإن البيت متصل بالطبع، وتركيبه متصل بعرض، أعني بالمهنة، فهو واحد بالطبع، وتركيبه واحد بالمهنة، لأنه إنما صار واحداً بالاتحاد العرضي، فأما البيت عينه فبالاتحاد الطبيعي.

ويقال أيضاً على الكل، ويقال على الجزء، ويقال على الجميع، ويقال على البعض. وقد نطن أن الكل لا فصل بينه وبين الجميع، لأن الكل يقال على المشتبهة الأجزاء، وعلى اللاتي ليست بمشتبهة الأجزاء، كقولنا: كل الماء، والماء من المشتبهة الأجزاء. وكل البدن المركب من عظم ولحم وما لحق ذلك من المختلفة الأجزاء. وكل الجبل وهي أشخاص مختلفة. فأما الجميع فلا تقال على المشتبهة الأجزاء، ولا يقال: جميع الماء، لأن الجميع أيضاً يقال على جمع مختلفات بعرض أو أن تكون موحدة بمعنى ما، وكل واحد منها قائم بطباعه غير الآخر فيقع عليها اسم المجموعة.

que distingue alguns viventes de outros. Isto é chamado “diferença” [específica], enquanto diferencia umas coisas das outras.

Quanto ao que não é essencial, é ele o contrário disso que acabamos de descrever, ou seja, [é o contrário] daquilo que estrutura a coisa, o sujeito que ela tem e a estabilidade que ele tem por meio dela, e que [com] sua privação aniquila-se o sujeito que a coisa tem. Assim, isso está na substância do sujeito que ele tem mas não é substancial, antes é um acidental que pertence à substância, e por isso é chamado, pois, de “acidente”. 45/5

Agora, é forçoso que aquilo que está na substância, ou está numa mesma coisa – exclusiva a ela, própria a ela e a nenhum outro, tal como o riso no homem e o zurro no asno, e que em razão disso chamam-se “propriedade” porque é próprio a uma [única] coisa – ou está em muitas coisas, comum a elas, tal como o branco no papel e no algodão e, por essa razão, denomina-se “acidente geral” porque, nesse caso, ocorre a muitas coisas. 45/10

Assim, todos os termos possuem um significado – seja um gênero, seja uma forma, seja um indivíduo, seja uma diferença, seja uma propriedade, seja um acidente geral – e estão reunidos em duas coisas: a substância e o acidente. O gênero, a forma, o indivíduo e a diferença são substanciais, ao passo que a propriedade e o acidente geral são accidentais. Assim, [o termo] ou será um todo, ou uma parte, ou será conjunto, ou será exclusivo. 45/15

Isto posto, pronunciemo-nos sobre de quantas maneiras se diz o [termo] “um”. Dizemos, pois: o “um” é predicado de todo contínuo e, também, daquilo que não admite multiplicidade. Logo, ele é predicado de diversas maneiras, dentre as quais está o gênero, a forma, o indivíduo, a diferença, a propriedade e o acidente geral e tudo o mais que já foi tratado.

Agora, o indivíduo ou é natural, tal como o animal, o vegetal e o que a isso se assemelha; ou é artificial, tal como a casa e o que a isso se assemelha. A casa é contínua por natureza, e sua composição é contínua por acidente, quero dizer por meio do ofício. Assim, ela é uma por natureza e sua composição é uma por meio do ofício, porque ela só se torna uma pela unificação acidental. Agora, quanto à casa em si mesma, ela é [una] por meio da unificação natural. 45/20

[O “um”] também é predicado do todo e predicado da parte; predicado do conjunto, e da fração. Poder-se-ia conjecturar que não haveria diferença entre o todo e o conjunto, na medida em que o todo é predicado das partes semelhantes e daquilo que não é de partes semelhantes, tal como quando dizemos “toda a água”, sendo a água de partes semelhantes e [de outro modo] “todo o corpo”, composto de ossos, de carne e do que está ligado a isso, de partes diferentes [assim como] “toda a multidão” que é de indivíduos diferentes. 45/25

Agora, quanto ao conjunto, ele não é predicado do que tem partes semelhantes, pois não se diz “conjunto da água”, porque “conjunto” também é predicado de todos os diferentes por acidente, ou que estejam unificados por meio de um certo significado, embora cada um deles esteja estruturado em sua natureza, distinta do outro, aplicando-se-lhe, assim, o nome “coleção”. 47/0

فأما الكل فيقال على كل متحد لأي نوع كان الاتحاد، فذلك لا يقال لجميع الماء، إذ ليس هو أشياء مختلفة قائم على كل واحد <منها> بطباعها، بل يقال: كل الماء إذ هو متحد.

وكذلك بين الجزء والبعض فرق، لأن الجزء يقال على ما عدّ الكل، فقسمه بأقدار متساوية. والبعض يقال على ما لم يعد الكل، فقسمه بأقدار ليست بمتساوية، فبعضه ولم يساو بين أبعاضه، فيكون جزءاً له. فالواحد إذن يقال على كل واحدة من المقولات، والكائن من المقولات بأنه جنس، وبأنه نوع، وبأنه شخص، وبأنه فصل، وبأنه خاصة، وبأنه عرض عام، وبأنه كل، وبأنه جزء، وبأنه جميع، وبأنه بعض.

ولأن الجنس هو في كل واحد من أنواعه، إذ هو مقول على كل واحد من أنواعه قولاً متواطئاً والنوع هو في كل واحد من أشخاصه، إذ هو مقول على كل واحد من أشخاصه قولاً متواطئاً؛ والشخص إنما هو واحد من جهة الوضع، لأن كل شخص فمقسم فهو إذن <غير واحد> بالذات، فالوحدة الشخصية مفارقة للشخص، فهو غير واحد الذات. فالوحدة التي فيه، التي هي بالوضع، لا ذاتية فيه، فليست هي إذن وحدة له بالحقيقة.

وما لم يكن في الشيء بحقيقته ذاتياً، فهو فيه بنوع عرضي. والعارض للشيء من غيره، فالعارض أثر في المعروض فيه، والأثر من المضاف، والأثر من مؤثر، فالوحدة في الشخص أثر من مؤثر اضطراراً.

والنوع هو المقول على كثير مختلفين بالأشخاص. وهو كثير لأنه ذو أشخاص كثيرة، ولأنه مركب من أشياء أيضاً، لأنه مركب من جنس وفصل، كنوع الإنسان الذي هو مركب من حي، ومن ناطق، ومن ميت. فالنوع بالذات كثير من جهة أشخاصه، ومن جهة تركيبه والوحدة التي له إنما هي بالوضع من جهة لا ذاتية. فليست الوحدة له إذن بحقيقته، فهي إذن فيه بنوع عرضي والعارض للشيء من غيره، فالعرض أثر في المعروض فيه، والأثر من المضاف، فالأثر من مؤثر، فالوحدة من النوع أثر من مؤثر اضطراراً أيضاً.

والجنس هو المقول على كثيرين مختلفين بالنوع منبئ عن مائة الشيء. فهو كثير لأنه ذو أنواع كثيرة؛ وكل نوع من أنواعه فهو هو. وكل نوع من أنواعه فهو أشخاص كثيرة. وكل شخص من أشخاصه فهو هو أيضاً.

Quanto a “todo”, é ele predicado de tudo o que estiver unificado, não importa de que modo seja a unificação. Por isso é que não se diz “conjunto da água”, visto que não se trata de coisas diferentes, em que cada uma [delas] estivesse estruturada em sua [própria] natureza. Antes, se diz: “toda a água”, na medida em que ela está unificada.

Do mesmo modo, entre “parte” e “fração” há distinção, visto que “parte” se diz daquilo que numera o todo, dividindo-o em porções iguais; ao passo que “fração” é dito daquilo que não numera o todo, dividindo-o em porções desiguais, não havendo igualdade entre as frações, embora sejam parte do [todo]. Assim, o “um” se diz de cada um dos predicados e do que deriva dos predicados, seja gênero, espécie, indivíduo, diferença, propriedade, acidente geral, todo, parte, conjunto [ou] fração. 47/10

Agora, visto que o gênero está em cada uma de suas espécies, na medida em que é um predicado uniforme a cada uma de suas espécies; e como a espécie está em cada um de seus indivíduos, na medida em que é um predicado uniforme a cada um dos seus indivíduos; e como os indivíduos só são unos do ponto de vista da convenção, visto que cada um deles é divisível, não sendo ele [uno] por essência; e como a unidade individual é separada do indivíduo, então, ele não é uno [por] essência. Logo, a unidade que nele está, que é por convenção, não é, nele, essencial. Portanto, na realidade² ele não tem uma unidade. 47/15 47/20

Ora, o que não está na realidade da coisa essencialmente, está nela, pois, de modo acidental. Por sua vez, o acidental que pertence à coisa é proveniente de um outro que não é ela. Assim, o acidental é uma marca naquilo que está presente na [coisa]. Agora, a marca é proveniente da relação, assim como a marca é proveniente de um marcador. Logo, a unidade no indivíduo é, necessariamente, uma marca proveniente de um marcador.

Agora, a espécie é predicada de muitas [coisas] diferentes, enquanto indivíduos. Ela é múltipla porque tem muitos indivíduos e, também, porque é composta de coisas, já que é composta de gênero e diferença, tal como a espécie “homem” que é composta de “vivente”, de “racional” e de “mortal”. Assim, a espécie, do ponto de vista de seus indivíduos e do ponto de vista de sua composição é, por essência, múltipla. Assim, a unidade que ela tem é apenas por convenção, de um ponto de vista não essencial. Logo, na realidade, ela não tem a unidade, a qual está nela, pois, de um modo acidental. Por sua vez, o acidental que pertence à coisa é proveniente de um outro que não é ela. Desse modo, o acidental é uma marca naquilo que está presente na [coisa]. Agora, a marca é proveniente da relação, assim como a marca é proveniente de um marcador. Portanto, também a unidade na espécie é, necessariamente, uma marca proveniente de um marcador. 47/25 49/0 49/5

Agora, o gênero é predicado de muitos, que são diferentes pela espécie, noticiando a qualiscidade da coisa. Assim, ele é múltiplo porque tem muitas espécies. Cada uma das espécies é “ela é ela” e cada uma das espécies são muitos; e cada um dos indivíduos também é “ele

² Adotada aqui a solução de Lazini para حقيقة.

فهو كثير من هذه الجهة، فالوحدة فيه أيضاً ليست بحقيقية، فهي فيه إذن بنوع عرضي والعارض للشيء من غيره، فالعرض أثر في المعروض فيه، والأثر من المضاف، فالأثر من مؤثر، فالوحدة في الجنس أثر من مؤثر اضطراراً أيضاً.

والفصل هو المقول على كثير مختلفين بالنوع منبئ عن أيّة الشيء فهو مقول على كل واحد من أشخاص الأنواع التي يقال عليها الفصل مبين عن أبيتها، فهو كثير من جهة الأنواع والأشخاص التي يقال عليها تلك الأنواع. فالوحدة فيه أيضاً ليست بحقيقة، فهي فيه إذن بنوع عرضي، والعارض للشيء من غيره، فالعرض أثر في المعروض فيه، والأثر من المضاف فالأثر من مؤثر، فالوحدة في الفصل أثر من مؤثر أيضاً.

والخاصة هي المقولة على نوع واحد، وعلى كل واحد من أشخاصه منبئة عن إنية الشيء، وليست بجزء لما أنبأت عن إنيته. فهي كثير لأنها موجودة في أشخاص كثيرة، ولأنها حركة، والحركة متجزئة. فالوحدة أيضاً فيها ليست بحقيقية، فهي إذن بنوع عرضي، والعارض للشيء من غيره فالعرض أثر في المعروض فيه، والأثر من المضاف، فالأثر من مؤثر، فالوحدة في الخاصة أثر من مؤثر أيضاً.

والعرض العام أيضاً مقول على أشخاص كثيرة، فهو كثير، لأنه موجود في أشخاص كثيرة. وإما أن يكون بكمية فيقبل الزيادة والنقص فهو متجزئ وإما أن يكون كيفية فيقبل الشبيه والأشبه، والأشد والأضعف، فيقبل الاختلاف، فهو كثير. فالوحدة فيه أيضاً ليست بحقيقية، فهي إذن فيه بنوع عرضي، والعارض - كما قدمنا - أثر من مؤثر، فالوحدة في العرض العام أثر من مؤثر أيضاً.

والكل المقول على المقولات ذو أبعاد، لأن كل واحد من المقولات بعض له.

والكل المقول على مقولة واحدة ذو أبعاد أيضاً

é ele”. Logo, ele [gênero], desse ponto de vista, é múltiplo. Portanto, a unidade que está [no gênero] também não é real e, portanto, nele está por um modo accidental. Por sua vez, o accidental que pertence à coisa é proveniente de um outro que não é ela. Desse modo, o accidental é uma marca naquilo que está presente na [coisa]. Agora, a marca é proveniente da relação, assim como a marca é proveniente de um marcador. Portanto, também a unidade no gênero é, necessariamente, uma marca proveniente de um marcador. 49/10

Agora, a diferença é predicada de muitos, diferentes em espécie, noticiando a “qualiscidade”³ da coisa. Desse modo, ela é predicada de cada um dos indivíduos das espécies, das quais se predica a diferença, noticiando suas “qualiscidades”. Assim, do ponto de vista das espécies e dos indivíduos aos quais se predica tal espécie, a [diferença] é múltipla. Logo, a unidade que está [na diferença] também não é real e, portanto, nela está por um modo accidental. Por sua vez, o accidental que pertence à coisa é proveniente de um outro que não é ela. Desse modo, o accidental é uma marca naquilo que está presente na [coisa]. Agora, a marca é proveniente da relação, assim como a marca é proveniente de um marcador. Portanto, também a unidade na diferença é uma marca proveniente de um marcador. 49/15

Por seu turno, a propriedade é predicada de uma mesma espécie e de cada um dos seus indivíduos, noticiando a facticidade da coisa – mas não enquanto parte daquilo que noticia a facticidade. Logo, ela é múltipla porque existe em muitos indivíduos e porque ela é um movimento. Ora, o movimento é fraccionável. Logo, a unidade que está [na propriedade] também não é real e, portanto, nela está por um modo accidental. Por sua vez, o accidental que pertence à coisa é proveniente de um outro que não é ela. Desse modo, o accidental é uma marca naquilo que está presente na [coisa]. Agora, a marca é proveniente da relação, assim como a marca é proveniente de um marcador. Portanto, também a unidade na propriedade é uma marca proveniente de um marcador. 49/20

Agora, o acidente geral também é predicado de muitos indivíduos. Logo, ele é múltiplo porque existe em muitos indivíduos, quer seja uma quantidade, admitindo o aumento e a diminuição – sendo fraccionável –; quer seja uma qualidade, admitindo a semelhança e a dessemelhança, o mais forte e o mais fraco. Admitindo, pois, diferenças, conseqüentemente é múltiplo. Logo, a unidade que está [no acidente geral] também não é real e, portanto, nele está por um modo accidental. Por sua vez, o accidental – como já adiantamos – é uma marca proveniente de um marcador. Portanto a unidade que está no acidente geral também é uma marca proveniente de um marcador. 49/25

Agora, o “todo” que é dito dos predicáveis tem frações, na medida em que cada um dos predicáveis é uma fração sua. O “todo” que se diz de um só predicável também possui frações, visto que todo predicável é um gênero, todo predicável é uma forma, toda forma possui 51/0

³ Acompanhamos o termo forjado por Rashed, indicando a qualidade da qualidade da coisa. Trata-se do neologismo *أَيَّة* / *ayyah*. “Qualiscidade” parece vantajoso em vista de “qualidade”, introduzindo o termo latino “qualis”, interrogativo que se pergunta sobre “qual é?”, mais próximo do sentido do termo árabe.

لأن كل مقولة جنس، فكل مقولة ذات صور، وكل صورة ذات أشخاص، فالكل إذن كثير لأنه ذو أقسام كثيرة. فالوحدة فيه أيضاً ليست بحقيقية، فهي إذن فيه بنوع عرضي، فهي إذن من مؤثر، كما قدمنا، فيما كان بنوع عرضي. وكذلك الجميع/ أيضاً، لأن الجميع يقال على أشياء كثيرة مجتمعة فهو كثير، فالوحدة فيه أيضاً ليست بحقيقية، فهي فيه نوع عرضي، فهي إذن فيه أثر من مؤثر كما قدمنا.

والجزء إما أن يكون جوهرياً وإما عرضياً، والجوهري إما مشتبه الأجزاء، وإما لا مشتبه الأجزاء. والمشتبه الأجزاء كالماء الذي جزؤه ماء بكماله، وكل ماء فهو قابل للتجزئة. فجزء الماء- إذ هو ماء بكماله- كثير. وإما لا مشتبه الأجزاء، أعني مختلف الأجزاء، فكبدن الحي الذي هو من لحم وجلد وعصب وعروق وأوردة ورئة وصفاق وحجب وعظم ومخ ودم ومرة وبلغم، وجميع ما ركب منه بدن الحي التي ليست بمشتبهة. وكل واحد مما ذكرنا من بدن الحي فقابل للتجزئة، فهو كثير أيضاً.

وأما الجزء العرضي فمحمول في الجزء الجوهري أعني كالطول والعرض والعمق في اللحم والعظم وغير ذلك من أجزاء البدن الحي، واللون والطعم وغير ذلك من الأعراض فهو منقسم بانقسام الجوهري. فهو إذن ذو أجزاء فهو كثير أيضاً. فالوحدة في الجزء أيضاً ليست بحقيقية.

والمتصل الطبيعي، والمتصل العرضي، وكل واحد منهما ذو أجزاء كالبيت فإن اتصاله الطبيعي شكله وهو ذو جهات، واتصاله العرضي- أعني الصناعي- باجتماع ما ركب منه، كحجارة وملاطه وأجزاء جرمه؛ فهو كثير أيضاً، فالوحدة فيه ليست بحقيقية.

وقد يقال الواحد أيضاً بالإضافة إلى غيره ببعض هذه التي قدمنا ذكرها، كالميل فإنه يقال: ميل واحد إذ هو كل للغوات، وجزء للفرسخ، ولأنه متصل ومجتمع، لأن غلواته متصلة ومجمعة، فهو جميع لغلواته، ولأنه منفصل من أميال آخر، أعني اللاتي جميعها فرسخ. فليست الوحدة في ذلك أيضاً بحقيقية، بل عرض.

فليست الوحدة في شيء مما حددنا بحقيقية بل إنما هي في كل واحد منها بأنها لا تنقسم من حيث وجدت. فالوحدة فيها بنوع عرضي، والعارض للشيء لا من ذاته،

indivíduos. Ora, o todo é muitos porque possui muitas divisões. Logo, a unidade que está [no todo] também não é real e, portanto, nele está por um modo accidental, sendo proveniente, pois, de um marcador – como já adiantamos a propósito daquilo que estiver de modo accidental. O mesmo sucede com o conjunto, visto que o conjunto é dito de coisas múltiplas que estão reunidas. Logo, ele é múltiplo e a unidade que nele está também não é real e, portanto, nele está por um modo accidental. Assim, ela [unidade] é nele uma marca proveniente de um marcador, como já adiantamos. 51/10

A parte, por sua vez, ou é substancial ou é accidental. Agora, a substancial ou é de partes semelhantes ou não é de partes semelhantes. A de partes semelhantes é tal como o água cuja parte é inteiramente água. Ora, toda água admite, pois, ser dividida em partes. Assim, a parte da água, sendo inteiramente água, é múltipla. Quanto [à parte substancial] de partes dessemelhantes – quero dizer de partes diferentes – ela é tal como o corpo do vivente que inclui carne, pele, nervos, veias, artérias, tendões, derme, membranas, ossos, cérebro, sangue, bile, fleuma e tudo o mais de que é composto o corpo do vivente e que não são semelhantes. Ora, cada uma das partes do corpo do vivente que foram mencionadas, admite ser dividida em partes e, portanto, também é múltipla. 51/15

Quanto à parte accidental, ela é um atributo que está na parte substancial. Quero dizer que ela é tal como o comprimento, a largura e a profundidade – na carne, nos ossos, e nas demais partes do corpo do vivente – [também como] a cor, o sabor e outros desses acidentes. Ora, ela se divide pela divisão do substancial, tendo partes e, portanto, sendo múltipla também. Assim, a unidade que está na parte também não é real. 51/20

Por sua vez, o contínuo natural e o contínuo accidental, cada um dos dois tem partes, tal como a casa. Com efeito, sua continuidade natural é sua figura, e ela tem lados; ao passo que sua continuidade accidental – quero dizer artificial – é pela reunião daquilo que a compõe, tal como suas pedras, sua argamassa, e as partes de seu complexo. Logo, o [contínuo] também é múltiplo e a unidade que está nele não é real. 51/25

O “um” também pode ser dito em relação a outras [coisas], por meio de algumas daquelas que já mencionamos, tal como a milha. Com efeito, se diz “uma milha”, porque ela é um todo para os estádios e uma parte da parasanga⁴; e porque ela é contínua e conjunta visto que seus estádios são contínuos e conjuntos sendo ela, pois, o conjunto de seus estádios; [também] porque ela é separada de outras milhas – quero dizer daquelas cujo conjunto é uma parasanga. Logo, também nisto a unidade não é real, mas um acidente. 53/0

Sendo assim, naquelas coisas que definimos, a unidade não é real. Antes, ela somente está em cada uma delas porque elas não se dividem enquanto existem. Logo, a unidade está nelas de um modo accidental. Ora, o accidental em vista da coisa não é proveniente de sua essên- 53/5

⁴ Unidade de medida de distância.

فالعارض للشيء من غيره، فالعارض إذن في المعروض فيه مستفاد من غيره، فهو مستفاد من مفيد، فهو أثر في المعروض فيه، والأثر من مؤثر، لأن الأثر والمؤثر من المضاف الذي لا يسبق بعضه بعضاً.

وأيضاً كل شيء كان في شيء آخر عرضاً، فهو في شيء آخر ذاتي، لأن كل شيء كان في شيء يعرض فهو في شيء آخر بالذات. وإذ قد بينا أن الوحدة في هذه جميعاً بعرض، فهي لآخر بالذات لا بعرض. فالوحدة- فيما هي فيه بعرض مستفادة الوحدة له- مما هي فيه بالذات. فإذن هاهنا واحد حق اضطراراً لا معلول الوحدة. فلنبين بأكثر مما تقدم.

فنقول: لا تخلو طباع كل مقول فيما عليه المقول، أعني كل ما أدركه الحس وأحاط بمائته العقل، من أن يكون واحداً أو كثيراً، أو واحداً وكثيراً معاً، أو بعض هذه الأشياء واحداً لا كثيراً بته، وبعضها كثيراً لا واحد بته.

فإن كل طباع كل مقول الكثرة فقط فلا اتفاق اشتراك في حال واحدة، أو معنى واحد. والاتفاق موجود، أعني الاشتراك في حال واحدة أو معنى واحد. فالوحدة موجودة مع الكثرة. وقد فرضنا أن الوحدة ليست بموجودة، فالوحدة أيس ليس، وهذا خلف لا يمكن. وأيضاً إن كان كل مقول كثرة فقط، فلا شيء يخالف الكثرة، لأن خلاف الكثرة الوحدة فلا خلاف. فإن لم يكن خلاف في المقولات فهي متفقة وهي لا متفقة، لأن الاتفاق اشتراك في حال واحدة، أو معنى واحد، وهذا خلف لا يمكن. فليس يمكن إلا أن تكون الوحدة.

وأيضاً إن كانت كثرة فقط بلا وحدة، فهي لا متشابهة، لأن المتشابهة لها شيء واحد يعمها تتشابه به، ولا واحد مع الكثرة كما فرضنا، فلا واحد يعمها، فهي لا متشابهة، وهي متشابهة بعدمها الوحدة. فهي متشابهة لا متشابهة معاً، وهذا خلف لا يمكن. فليس يمكن إلا أن تكون وحدة.

وأيضاً إن كانت كثرة فقط بلا وحدة كانت متحركة، لأنه إن لم تكن وحدة لم تكن حال واحدة، وإن لم تكن حال واحدة لم يكن سكون، لأن الساكن ما كان بحال واحدة غير متغير ولا منتقل.

cia. Portanto, o acidental da coisa provém de um outro que não é ela. Assim, o acidental está naquilo que está presente na [coisa] adquirido de um outro que não é ela. Ora, ele é adquirido de um provedor e é adquirido a partir de quem fornece. Logo, ele é uma marca naquilo que está presente na [coisa], sendo que a marca é proveniente de um marcador, na medida em que a marca e o marcador fazem parte da relação na qual um não precede o outro. 53/10

Além do mais, tudo o que é acidente numa coisa, numa outra coisa ela é essencial, porque tudo o que está numa coisa por acidente, está numa outra por essência. Visto que já explicamos que a unidade nisto tudo é por acidente, então, para um outro, ela o é por essência, e não por acidente. Logo, a unidade, enquanto está [na coisa] por acidente, é adquirida da unidade de que está naquela por essência. Aqui há, portanto, a necessidade de um uno verdadeiro cuja unidade não seja causada. Que expliquemos isto, então, mais do que já o fizemos. 53/15

Dizemos, pois: a natureza de todo predicado, naquilo a respeito do que se predica – quero dizer, tudo aquilo que é percebido pelo sentido e cuja quidade é abarcada pelo intelecto – forçosamente ou é uno; ou é múltiplo; ou é uno e múltiplo simultaneamente; ou algumas dessas coisas são unas e de modo algum são múltiplas; ou algumas delas são múltiplas e de modo algum são unas. 53/20

Bem, se a natureza de todo predicado fosse múltipla e nada mais, então não haveria compatibilidade associativa [relativa] a um mesmo caso ou a um mesmo significado. Ora, a compatibilidade existe – quero dizer a associação a um mesmo caso ou a um mesmo significado. Logo, a unidade existe juntamente com a multiplicidade, mas como havíamos suposto que ela não existia, então a unidade seria “é – não é”, o que é absurdo e impossível.

Além disso, se todo predicado fosse múltiplo e nada mais, então não haveria nada que se diferenciasse da multiplicidade, porque o que se difere da multiplicidade é a unidade. Não haveria, assim, diferenciação. Mas, se não houvesse diferenciação nos predicados, então eles seriam compatíveis e seriam incompatíveis, visto que a compatibilidade é associação a um mesmo caso ou a um mesmo significado, o que é absurdo e impossível – impossível, pois, a menos que haja a unidade. 53/25 55/0

Além do mais, se houvesse multiplicidade e nada mais, sem unidade, então os [predicados] não seriam semelhantes, visto que o semelhante é, para eles, uma só coisa que os engloba e, por meio disso, assemelham-se. Ora, “não há o ‘um’ junto com a multiplicidade” – assim como havíamos suposto – e, portanto, não haveria o um que os englobasse e eles, embora fossem semelhantes, seriam dessemelhantes pois faltar-lhes-ia a unidade. Enfim, eles seriam simultaneamente semelhantes e dessemelhantes, o que é um absurdo, impossível. Melhor, é impossível a menos que haja unidade. 55/5

Além disso, se houvesse multiplicidade e nada mais, sem unidade, ela seria móvel, visto que se não houvesse unidade não haveria um mesmo estado e se não houver um mesmo estado não haverá repouso, pois o que está em repouso é aquilo que está num mesmo estado, inalterável, 55/10

وإن لم يكن سكون لم يكن ساكن. وإن لم يكن ساكن كان متحرك. وإن كانت كثرة فقط كانت أيضاً غير متحركة، لأن الحركة تبدل إما بمكان، وإما بكم، وإما بكيف، وإما بجوهر، وكل تبدل فإلى / غير، وغير الكثرة فالوحدة، فإن لم يكن وحدة فلا تبدل للكثرة وقد فرضنا أن وحدة ليس تتبدل كثرة ليس، فحركة ليس. فإن كانت كثرة فقط بلا وحدة فليست بمتحركة أيضاً، ولا ساكنة، كما قد تقدم، وهذا خلف لا يمكن. فليس يمكن إلا أن يكون وحدة.

وأيضاً إن كانت كثرة فقط، فلا يخلو من أن تكون ذات أشخاص، أو لا ذات أشخاص بنة. فإن كانت ذات أشخاص، فإما أن تكون أشخاص الكثرة إما آحاداً، وإما ألا تكون آحاداً، فإن لم تكن آحاداً، ولم تنتقص إلى آحاد بنة، فهي كثرة بلا نهاية. وإذن فصل مما لا يتناهى قسم، وكل مقسوم أعظم مما يفضل منه، فالمفصول متناهي الكثرة، أو لا متناهي الكثرة. فإن كان متناهي الكثرة، وقد كان فرض لا متناهي الكثرة، فهو إذن متناهي الكثرة لا متناهي الكثرة، وهذا خلف لا يمكن. وإن كان لا متناهي الكثرة، وهوة أصغر من المقسوم، ولا متناه أعظم من لا متناه، وهذا خلف لا يمكن كما قدمنا، فهي إذن أشخاص الكثرة آحاداً اضطراراً. فالوحدة موجودة إذن، لأن كل شخص واحد، فهي إذن كثرة فقط، وهي لا كثرة فقط، لأن الوحدة معها موجودة، وهذا خلف لا يمكن، فإن كانت ليست ذات أشخاص ولا كثرة بنة، لأن معنى الكثرة هي الأشخاص المجتمعة، فهو لا كثرة وهو كثرة معاً وهذا خلف لا يمكن، فليس يمكن أن تكون وحدة. وأيضاً إن كانت كثرة فقط بلا وحدة، فإن كل شخص من أشخاص الكثرة غير محدود، لأن الحد واحد يقع على معنى واحد، فإن لم يكن في الكثرة واحد ولا محدود، وإذن لم يكن محدود، فلا حد. وأشخاص الكثرة محدودة فهي محدودة، وهي لا محدودة، وهذا خلف لا يمكن. فليس يمكن ألا يكون وحدة.

وأيضاً إن كانت كثرة فقط بلا وحدة، لمتقبل الكثرة العدد، لأن أوائل العدد الآحاد،

imutável. Ora, se não houvesse repouso, não haveria aquilo que está em repouso e, se não houvesse aquilo que está em repouso, ele seria móvel. Por outro lado, se houvesse a multiplicidade e nada mais, ela seria também imóvel, visto que o movimento é uma mudança, seja de posição, seja de quantidade, seja de qualidade, ou da substância. Com efeito, toda mudança dirige-se a um outro. Ora, o outro da multiplicidade é a unidade. Portanto, se não houvesse unidade, então, a multiplicidade não mudaria, ao passo que havíamos suposto que a unidade seria “não é” [e], portanto, a mudança para a multiplicidade seria “não é” e, conseqüentemente, o movimento seria “não é”. Portanto, se houvesse multiplicidade e nada mais, sem unidade, então, ela não estaria sendo movida e também não estaria em repouso, tal como adiantamos. Ora, isso é um absurdo, impossível. Melhor, é impossível a menos que haja unidade. 55/15

Alem disso, se houvesse multiplicidade e nada mais, sem unidade, então, forçosamente ou ela seria dotada de indivíduos ou ela não seria dotada de indivíduos de modo algum. Bem, caso ela fosse dotada de indivíduos, então, ou os indivíduos da multiplicidade seriam unidades ou não seriam unidades. Agora, se eles não forem unidades e não se reduzissem a unidades de maneira nenhuma, então seriam múltiplos ao infinito. Pois bem, se fosse seccionada uma parte do infinito – e tudo que é partido é maior do que o que se seccionou – então, o que foi seccionado deveria ser ou de uma multiplicidade finita ou de uma multiplicidade infinita. Caso fosse de uma multiplicidade finita – e como supusemos de uma multiplicidade infinita – ela seria, então, de uma multiplicidade finita e de uma multiplicidade infinita, o que é absurdo e impossível. Caso fosse de uma multiplicidade infinita, e fosse menor do que o que foi seccionado, então, um infinito seria maior do que um [outro] infinito, o que é absurdo, impossível tal como já havíamos antecipado. Portanto, os indivíduos da multiplicidade serão, necessariamente, unidades e, conseqüentemente, a unidade existirá, na medida em que cada indivíduo é uno e, portanto, eles serão multiplicidade e nada mais, e não serão multiplicidade e nada mais, visto que a unidade estará junto deles, existente; o que é absurdo, impossível. Ora, se [a multiplicidade] não fosse dotada de indivíduos, não haveria multiplicidade de maneira nenhuma, na medida em que o significado de “multiplicidade” é “indivíduos reunidos”. Enfim, não haveria multiplicidade e, simultaneamente, haveria multiplicidade, o que é absurdo, impossível. Melhor, é impossível a menos que haja unidade. 55/20 55/25 57/0

Além do mais se houvesse multiplicidade e nada mais, sem unidade, então cada um dos indivíduos da multiplicidade seria indefinido, visto que uma única definição é aplicada a um mesmo significado. Assim, se não houvesse “um” na multiplicidade, então não haveria definido e se não houver definido não há definição. Ora, os indivíduos da multiplicidade são definidos. Assim, eles seriam definidos e eles seria indefinidos, o que é absurdo e impossível. Melhor, é impossível a menos que haja unidade. 57/5

Além do mais, se houvesse multiplicidade e nada mais, sem unidade, então a multiplicidade não admitiria o número, pois os princípios dos números são as unidades, na medida 57/10

لأن العدد كثرة مركبة من آحاد، ويفاضل بعض الكثرة على بعض بأحاد. فإن لم يكن عدد. وإن كانت كثرة بلا آحاد لم تكن معدودة، والكثرة معدودة، فالآحاد مع الكثرة. وقد كنا فرضنا أنه لا آحاد معها، فهذا خلف لا يمكن. فليس يمكن إلا تكون آحاداً.

وأيضاً إن كانت كثرة فقط بلا واحد لم يكن معرفة، لأن المعرفة ترسم، رسم المعروف في نفس العارف بحال واحدة. لأنها إن لم تكن بحال واحدة تتحد بها نفس العارف ورسم المعروف، فلا معرفة، والمعرفة موجودة، فالحال الواحدة موجودة، فالوحدة موجودة. وقد كنا فرضنا أنها لا موجودة، وهذا خلف لا يمكن. فليس يمكن ألا تكون وحدة.

وأيضاً إن كانت كثرة فقط بلا واحد، وكل مقول إما أن يكون شيئاً، وإما ألا يكون شيئاً، فإن كان شيئاً فهو واحد، فالوحدة موجودة مع الكثرة. وقد كنا فرضنا أنه كثرة فقط، فهو كثرة فقط بلا وحدة، وهو كثرة ووحدة، وهذا خلف لا يمكن. وإن لم تكن شيئاً فليس يتألف منه كثرة ولا هو كثرة أيضاً. وقد فرض إنه كثرة لا كثرة، وهذا خلف لا يمكن، فليس يمكن ألا يكون وحدة.

وهناك تبين أنه لا يمكن أن يكون بعض الأشياء كثرة فقط، لأنه لا يمكن أن يكون شيء كثرة فقط، لأنه إما أن يكون شيئاً، وإما ألا يكون شيئاً، فإن كان شيئاً فهو واحد، وإن لم يكن شيئاً <فليس هو كثرة> وهو كثرة، وهذا خلف لا يمكن. فليس يمكن أن يكون بعض الأشياء كثرة فقط بلا وحدة.

وقد تبين من جميع هذه الأبحاث أنه لا يمكن أن يكون الأشياء كثرة بلا وحدة، لأنه لا يمكن أن يكون بعض الأشياء كثرة بلا وحدة. وكذلك تبين أنه لا يمكن أن تكون وحدة بلا كثرة، ولا بعض الأشياء وحدة بلا كثرة فنقول: إنه إن كانت وحدة فقط بلا كثرة لم تكن مضادة؛ لأن الضد غيره الضد، والغيرية أقل ما يقع في الاثنين؛ والاتنان كثرة، فإن لم تكن كثرة لم تكن مضادة، وإن كانت مضادة كانت كثرة، والمضادة موجودة، فالكثرة موجودة.

em que o número é uma multiplicidade composta de unidades, em que uma fração da multiplicidade ultrapassa outra por meio das unidades. Portanto, se não houvesse unidades, não haveria número e, se houvesse multiplicidade sem unidades, ela não seria numerada. Ora, a multiplicidade é numerada e, conseqüentemente, há unidades junto com a multiplicidade. Todavia, havíamos suposto que não haveria unidades com ela, o que seria, pois, um absurdo, impossível. Melhor, é impossível a menos que haja unidades.

Além do mais, se houvesse multiplicidade e nada mais, sem “um”, então, não haveria conhecimento, visto que o conhecimento se delineia, tal qual o conhecido, numa condição una na alma daquele que conhece, pois se [o conhecimento] não estivesse numa condição una, na qual se unifica a alma daquele que conhece com o delineamento do que é conhecido, então não haveria conhecimento. Ora, o conhecimento existe, portanto, a condição una existe e, conseqüentemente, a unidade existe; mas como havíamos suposto que ela não existiria, isso seria um absurdo, impossível. Melhor, seria impossível a menos que houvesse unidade. 57/15

Além do mais, se houvesse multiplicidade e nada mais, sem unidade, então todo predicado ou seria alguma coisa ou não seria coisa alguma. Pois bem, se ele for alguma coisa, então ele é “um” e, conseqüentemente, a unidade existirá com a multiplicidade, ao passo que havíamos suposto que haveria multiplicidade e nada mais. Portanto, haveria multiplicidade e nada mais, sem unidade; e [por outro lado] haveria multiplicidade e unidade, o que é absurdo e impossível. Agora, caso [o predicado] não fosse coisa alguma, então a multiplicidade não seria composta dele e, tampouco, ele seria multiplicidade, ao passo que havíamos suposto que haveria multiplicidade. Logo, ele seria multiplicidade e não seria multiplicidade, o que é absurdo, impossível. Melhor, é impossível a menos que haja unidade. 57/20

Nesse ponto fica claro que não é possível haver certas coisas que sejam múltiplas e nada mais, visto que não é possível haver alguma coisa múltipla e nada mais, pois ou ela é alguma coisa ou não é coisa alguma. Se ela for alguma coisa, então ela é una, e se ela não for coisa alguma, então ela não será uma multiplicidade. Conseqüentemente [ela não seria multiplicidade] e ela seria multiplicidade, o que é absurdo, impossível. Logo, não é possível que certas coisas sejam múltiplas e nada mais, sem unidade. Bem, de todas essas investigações, fica claro, portanto, que não é possível haver coisas que sejam múltiplas sem unidade, visto que não é possível haver certas coisas múltiplas sem unidade. 59/0

Da mesma maneira, ficará claro que não é possível haver unidade sem multiplicidade e que certas coisas não são uma unidade sem multiplicidade. Dizemos, pois: se houvesse unidade e nada mais, sem multiplicidade, então não haveria contrariedade visto que o outro do contrário é o contrário dele. Agora, o mínimo que se aplica à alteridade é “dois”. Ora, o dois é multiplicidade. Logo, caso não houver multiplicidade não haverá contrariedade e, caso, houver contrariedade haverá multiplicidade. Bem, a contrariedade existe, conseqüentemente, a multiplicidade existe, 59/5

وقد فرضنا أنها ليست موجودة، فهي أيس ليس؛ وهذا خلف لا يمكن. فليس يمكن ألا تكون كثرة.

وأيضاً إن كانت وحدة فقط بلا كثرة، فلا استثناء، لأن الاستثناء إنما يكون لواحد أو لا أكثر دون أشياء غير المستثناة. فإن كان استثناء فالكثرة موجودة، والاستثناء والمستثنى موجودان فالكثرة موجودة. وقد فرضنا أنها /ليس، فهي أيس ليس، وهذا خلف لا يمكن. فليس يمكن ألا يكون كثرة.

وأيضاً إن كانت وحدة فقط بلا كثرة، فلا تباين، لأن أقل ما فيه التباين اثنان، والاثنتان وما فوقهما كثرة؛ فإن لم تكن كثرة لم يكن تباين، وإن كان تباين فالكثرة موجودة، والتباين موجود، فالكثرة موجودة. وأيضاً قد فرضنا أنها ليست موجودة، فهي أيس ليس، وهذا خلف لا يمكن. فليس يمكن ألا تكون كثرة.

وأيضاً إن كانت وحدة فقط بلا كثرة؛ فلا اتفاق، ولا اختلاف، ولا اتصال، ولا افتراق؛ لأن أقل ما يكون الاتفاق والافتراق، والاختلاف والاتصال في اثنين. فالاثنتان كثرة، فإن لم تكن كثرة لم يكن اتفاق ولا اختلاف، والاتفاق والاختلاف موجودان، فالكثرة موجودة موجودة، وقد كنا فرضنا أنها لا موجودة، فهي أيس ليس، وهذا خلف لا يمكن <فليس يمكن> ألا تكون كثرة.

وأيضاً إن كانت وحدة فقط بلا كثرة، فلا ابتداء ولا وسط، ولا آخر له، لأن ذلك لا يكون إلا في ذي أجزاء. والواحد لا ابتداء <له> ولا وسط ولا آخر له، والابتداء والوسط والآخر موجود، فذو الأجزاء موجود، وكل ذي أجزاء أكثر من واحد، فالكثرة موجودة فيه. وقد كنا فرضنا أنها لا موجودة، وهذا خلف لا يمكن. فليس يمكن ألا تكون كثرة.

وأيضاً إن كانت وحدة فقط بلا كثرة، ولا شكل، لأن الأشكال إما من قسي، وإما من أوتار، وإما من مركبة من قسي وأوتار أو من سطوح قوسية أو وترية، أو مركبة منهما، فالمستدير والكرى لهما مركز وإحاطة، والمركب من قسي أو قوسية، أو خط أو خطية، أو من قسي أو قوسي، أو وتر أو وترى معاً، لها زوايا وأطراف، ففيها كثرة. فإن كانت الأشكال موجودة فالكثرة موجودة والشكل موجود، فالكثرة موجودة،

ao passo que havíamos suposto que ela não existiria. Portanto, ela seria “é – não é”⁵, o que é absurdo, impossível. Melhor, é impossível a menos que haja multiplicidade.

59/10

Além do mais, se houvesse unidade e nada mais, sem multiplicidade, então não haveria exceção, visto que a exceção diz respeito a um ou a mais de um, deixando à parte as coisas que não são excetuadas. Logo, se houver exceção, então, existirá a multiplicidade. Ora, a exceção e o excetuado ambos existem e, portanto, a multiplicidade existe, ao passo que havíamos suposto que ela seria “não é”. Conseqüentemente, ela seria “é – não é”, o que é um absurdo, impossível. Melhor, é impossível a menos que haja multiplicidade.

59/15

Além do mais, se houvesse unidade e nada mais, sem multiplicidade, então não haveria diferença, visto que a diferença mínima que se tem são “duas”; e “duas”, e aquilo que está acima disso, já é uma multiplicidade. Logo, se não houver multiplicidade não haverá diferença e, se houver diferença, então a multiplicidade existe. Ora, a diferença existe, logo, a multiplicidade existe, ao passo que havíamos suposto que ela não existiria. Portanto ela seria “é – não é”, o que é absurdo e impossível. Melhor, é impossível a menos que haja multiplicidade.

59/20

Além do mais, se houvesse unidade e nada mais, sem multiplicidade, então não haveria compatibilidade, nem divergência, nem continuidade, e tampouco separação, pois o mínimo que se tem quanto à compatibilidade, à separação, à divergência e à continuidade são “dois”. Ora, “dois” é uma multiplicidade. Logo, se não houver multiplicidade não haverá compatibilidade, nem divergência.

59/25

Ora, a compatibilidade e a divergência, ambas existem. Logo, a multiplicidade existe, ao passo que havíamos suposto que ela não existiria. Portanto, ela seria “é – não é”, o que é absurdo, impossível. Melhor, é impossível a menos que haja multiplicidade.

61/0

Além do mais, se houvesse unidade e nada mais, sem multiplicidade, então não haveria começo, nem meio, nem fim, visto que isso encontra-se apenas e tão somente naquilo que é dotado de partes, pois o “um” não [tem] começo nem meio, nem fim. Ora, o começo, o meio e o fim existem. Logo, aquilo que é dotado de partes existe – e tudo o que tem partes é mais do que um – sendo que a multiplicidade nele existe, ao passo que havíamos suposto que ela não existiria, o que é absurdo impossível. Melhor, é impossível a menos que haja multiplicidade.

61/5

Além do mais, se houvesse unidade e nada mais, sem multiplicidade, então não haveria figura, visto que as figuras são de arcos ou de cordas; ou compostas de arcos e de cordas; ou de superfícies arqueadas, ou planas, ou compostas de ambas. Assim, tanto a [figura] circular como a esférica tem, ambas, um centro e um perímetro. Agora, o que é composto de arcos ou [superfícies] arqueadas, de reta ou [superfície] plana – ou de arcos e de [superfície] arqueada e de cordas ou [superfícies] cordeada, simultaneamente, – possui ângulos e lados, havendo nisso multiplicidade. Assim, havendo figuras, a multiplicidade existe. Ora, a figura existe e, con-

61/10

⁵ أيس ليس / 'aysa laysa.

وقد فرضنا أنها لا موجودة، فالكثرة أيس ليس، وهذا خلف لا يمكن. فليس يمكن ألا تكون كثرة.

وأيضاً إن كانت وحدة فقط بلا كثرة فهي لا متحركة ولا ساكنة، لأن المتحرك يتحرك بانتقال إلى غير، إما مكان، وإما كم، وإما كيف، وإما جوهر. وهذه كثرة، والساكن ساكن في مكان. وأيضاً بعض أجزائه في بعض، والمكان والأجزاء كل واحد منهما كثرة، لأن الأجزاء أكثر من جزء، والمكان علو وسفل، وأمام ووراء، ويمين وشمال. والمكان بطباعه يوجب كثرة، لأن المكان غير المتمكن ومكان المتمكن. والربو يوجب رابياً، والنقص يوجب ناقصاً، والاستحالة توجب مستحيلاً، والكون يوجب كائناً، والفساد يوجب فاسداً. ونفي هذه جميعاً يوجب كثرة؛ لأنه لا كائن لا فاسد، ولا راب لا مضمحل لا مستحيل؛ موضوع ومحمول؛ موضوع محمول عليه النفي لأشياء محدودة،

فإن كان السكون كانت كثرة فإن لم يكن كثرة لم يكن سكون ولا حركة، والسكون والحركة موجودان، فالكثرة موجودة، وقد كنا فرضنا أنها لا موجودة، فهي أيس ليس، وهذا خلف لا يمكن. فليس يمكن ألا تكون كثرة. وهنالك تبين أنه لا يمكن أن يكون، ولا واحد من الأشياء ليس فيه كثرة، لأنه إن لم تكن فيه كثرة لم يكن متحركاً ولا ساكناً، وليس يخلو شيء من نوع حركة وسكون من المحسوسة وما يلحق المحسوسة. فليس يمكن أن يكون شيء واحد لا كثرة فيه.

وأيضاً إن كانت وحدة فقط بلا كثرة لم تكن جزء ولا كل، لأن الكل جامع الأجزاء، وأقل ما يكون المجتمع اثنان، والاثنان كثرة، فإن لم يكن كثرة لم يكن كل، وإن لم يكن كل لم يكن جزء، لأن الكل والجزء من المضاف الذي يجب كل واحد من طرفيه بوجود الآخر. وأيهما بطل؛ بطل ببطلانه الآخر، فلا كل ولا جزء إذا للأشياء، وللأشياء كل وجزء، فالكل والجزء أيس ليس وهذا خلف لا يمكن.

والجزء أيضاً جزء واحد، فإن كان جزء كانت الوحدة، وإن كان جزء كان كل، فإن لم يكن جزء لم يكن كل، وإن لم يكن جزء ولا كل فلا شيء وإن لم يكن شيء فلا محسوس ولا معقول بثة، ولا وحدة في محسوس ولا معقول بثة، فإن لم يكن جزء ولا

seqüentemente, a multiplicidade existe, ao passo que havíamos suposto que ela não existiria. Portanto, a multiplicidade seria “é – não é”, o que é absurdo e impossível. Melhor, é impossível a menos que haja multiplicidade. 61/15

Além do mais, se houvesse unidade e nada mais, sem multiplicidade, então ela não seria móvel e nem estaria em repouso, visto que o móvel só se move por meio de uma mudança em direção a um outro – seja um lugar, uma quantidade, uma qualidade [ou] uma substância – o que [já] é uma multiplicidade. Agora, aquele que está em repouso, está em repouso num lugar, assim como também algumas de suas partes estão em algumas [partes de tal lugar]. Com efeito, “lugar”, “partes”, cada uma delas é uma multiplicidade, pois “partes” é mais do que “uma parte”. Por sua vez, o lugar é “alto”, “baixo”, “na frente”, “atrás”, “à direita” e “à esquerda”. O lugar, por sua natureza, implica multiplicidade, visto que é lugar do que não está locado e lugar do que está locado. Afinal, o aumento implica o que aumenta, a diminuição implica o que diminui, a alteração implica aquilo que se altera, o ser implica o ente, a corrupção implica o que corrompe, assim como a negação disso tudo implica em multiplicidade, visto que “não-ente”, “não-corruptor”, “não-frequente” “não-diminuto” e “não-alterado” são sujeito com atributo: um atributo que nega as coisas que definem um sujeito. 61/20

Logo, se houver repouso, haverá multiplicidade e se não houver multiplicidade não haverá nem repouso e nem movimento. Ora, o repouso e o movimento, ambos existem e, conseqüentemente, a multiplicidade existe, ao passo que havíamos suposto que ela não existiria. Portanto, ela seria “é – não é”, o que é absurdo, impossível. Assim, não é possível [não] haver multiplicidade. Até aqui, fica claro que não é possível que uma dentre as coisas não tenha, em si, multiplicidade; pois se nela não houvesse multiplicidade, ela não estaria nem em movimento e nem em repouso e, forçosamente, não haveria nenhuma espécie de movimento e de repouso quanto aos sensíveis e quanto àquilo que se vincula aos sensíveis. Portanto, não é possível que haja alguma coisa uma que não tenha multiplicidade. 61/25 63/0

Além do mais, se houvesse unidade e nada mais, sem multiplicidade, então nem haveria partes e nem haveria todo, visto que o todo é aquele que reúne as partes. Com efeito, o mínimo do que é reunido são dois e “dois” é uma multiplicidade. Portanto, se não houvesse multiplicidade não haveria todo e, conseqüentemente, se não houver todo não haverá parte, visto que o todo e a parte se incluem na relação em que é preciso que cada um dos seus termos necessite do outro; e qualquer um deles que for invalidado, por meio de sua invalidação, invalida o outro e, conseqüentemente, não haveria nem todo e nem parte para as coisas. Ora, as coisas têm todo e parte. Portanto, o todo e a parte seriam “é – não é”, o que é absurdo e impossível. 63/5

Além do mais, a parte é uma parte una, sendo que, havendo parte haverá a unidade e, havendo parte haverá o todo. Agora, se não houvesse parte, não haveria todo, e se não houvesse nem parte e nem todo, então, não haveria coisa alguma; e se não houvesse coisa alguma, então, não haveria nem sensível e nem inteligível jamais, e não haveria unidade nem no sen- 63/10

وحدة، فإذاً لا جزء ولا كل، فلا وحدة. وقد كنا فرضنا أن وحدة، فالوحدة أيسر ليس، وهذا خلف لا يمكن أيضاً، فليس يمكن ألا يكون كثرة. وهنالك تبين أنه لا يمكن أن يكون شيء من التي ذكرنا وحدة بلا كثرة لأنه يكون لا جزء ولا كل، كما قدمنا.

فقد تبين من جميع هذه الأبحاث أنه لا يمكن أن تكون كثرة بلا وحدة في شيء مما ذكرنا، ومن بعضها أنه لا يمكن أن يكون منها وحدة بلا كثرة/ بنة. فقد اتضح أنه لا يمكن أن يكون وحدة فقط بلا كثرة، ولا كثرة فقط بلا وحدة، ولا يعرى شيء مما ذكرنا من كثرة ولا من وحدة. فواجب إذن أن تكون الأشياء التي ذكرنا كثيرة وواحدة.

وأيضاً فإذا قد تبين أن طباع الأشياء وحدة وكثرة، فلا تخلو الوحدة من أن تكون مباينة للكثرة، أو مشاركة لها؛ فإن كانت الوحدة مباينة للكثرة وجب أن يلزم ما كان وحدة فقط ما لزم الوحدة التي قدمنا ذكرها من الخلف، وما كان كثرة فقط ما لزم الكثرة التي قدمنا ذكرها. فيبقى إذن أيضاً أن تكون الوحدة مشاركة للكثرة، أي مشاركة لها في جميع المحسوسات، وما يلحق المحسوسات، أي أن ما فيه الكثرة منها ففيه الوحدة وما فيه الوحدة ففيه الكثرة. فإذا قد تبين أن اشتراك الكثرة والوحدة في كل محسوس وما يلحق المحسوس، فلا يخلو ذلك من الاشتراك من أن يكون بالبخت أي الاتفاق بلا علة أو بعلة؛ فإن كان بالبخت فقد كانت متباينة فيلزمها المحالات التي لزممت في الأبحاث؛ وإذا بحثنا عن وجود كثرة بلا وحدة.

وكيف يمكن أن تكون كثرة ووحدة معاً، وهما متباينتان؟ والكثرة إنما هي كثرة الأحاد، أي جماعة وحدانيات، فمع الكثرة الوحدة اضطراراً، ولا يمكن غير ذلك، وكيف يمكن أن يكون؟ إذ هما- وهما متباينان- وحدة فقط، وهما شيئان وشيئان كثرة، فليس يمكن أن يكونا كذلك. وقد يمكن أن ترجع إلى ما كانت علته بالبخت من التباين وهي إنيات، فيلزم فيها أيضاً ما قدمنا من الخلف. فليس يمكن أن تكون كانت متباينة ثم اتفقت بالبخت، أعني بغير علة، فبقي إذن أن تكون اشتراكها بعلة منذ بدء كونها.

sível e nem no inteligível jamais. Assim, se não houvesse parte, não haveria unidade, pois, se não houvesse parte não haveria todo e, conseqüentemente, não haveria unidade, ao passo que havíamos suposto que haveria unidade e, portanto, a unidade seria “é – não é”, o que é absurdo e impossível também. Portanto, não é possível que não haja multiplicidade, ficando claro que não é possível que haja alguma das coisas que mencionamos [que tenha] unidade sem multiplicidade, na medida em que ela não seria nem parte e nem todo, conforme antecipamos. 63/15

Pois bem, de todas essas investigações, fica claro, então, que não é possível haver multiplicidade sem unidade em nenhuma das coisas que mencionamos e – a partir de algumas das [investigações] – que é absolutamente impossível haver uma só coisa [com] unidade sem multiplicidade. Fica evidente, pois, que não é possível haver unidade e nada mais, sem multiplicidade e, tampouco, haver multiplicidade e nada mais, sem unidade. Nenhuma das coisas que mencionamos está desprovida de multiplicidade e nem de unidade. Conseqüentemente, é necessário que as coisas que mencionamos sejam múltiplas e unas. 63/20

Além do mais, tendo-se evidenciado que a natureza das coisas é unidade e multiplicidade, então, ou a unidade está dissociada da multiplicidade ou está associada a ela. Agora, se a unidade estivesse dissociada da multiplicidade, isto necessariamente estaria implicado naquele [caso] em que haveria unidade e nada mais – com os decorrentes absurdos que mencionamos anteriormente [sobre] a unidade – e também naquele [caso] em que haveria multiplicidade e nada mais, decorrendo o que havíamos mencionado anteriormente [sobre] a multiplicidade. Resta ainda, portanto, que a unidade esteja associada à multiplicidade, isto é, esteja associada a ela em todos os sensíveis e naquilo que está ligado aos sensíveis, ou seja: naquilo onde houver multiplicidade, haverá unidade, e naquilo onde houver unidade, haverá multiplicidade. Fica claro, portanto, que a multiplicidade e a unidade são comuns a todo sensível e àquilo que está vinculado ao sensível. Agora, forçosamente, ou essa associação é por acaso – isto é por uma coincidência sem causa – ou é por uma causa. Agora, se fosse por acaso, então, de pronto, elas estariam dissociadas, decorrendo os absurdos que se seguiram nas investigações que fizemos a respeito da existência da multiplicidade sem unidade. 63/25 65/0

Então, como é possível que haja simultaneamente multiplicidade e unidade se, ambas, estivessem dissociadas? Afinal, a multiplicidade só é multiplicidade de unidades, isto é, reunião de unidades. Logo, com a multiplicidade necessariamente há a unidade – e não é possível algo que não seja isto. Mas, como é possível ser assim? [Isto é,] na medida em que ambas estivessem dissociadas, seriam uma unidade e nada mais, e [também] seriam duas coisas? Ora, duas coisas [já] é multiplicidade. Logo, não é possível que elas estejam assim sendo possível que voltassem à dissociação devida ao acaso, sendo elas duas facticidades, mas disso decorreria, também, os [mesmos] absurdos que já tratamos anteriormente. Não é possível, pois, que elas estejam dissociadas e, depois, coincidam por acaso, quero dizer, sem causa. Resta, portanto, que a associação de ambas, desde o início de seu ser, se faça por meio de uma causa. 65/5 65/10

فإذا تبين أن اشتراكها بعلة، فلا تخلو العلة من أن تكون من ذاتها، أو يكون لاشتراكها علة أخرى من غير ذاتها، خارجة بآئنة عنها. فإن كانت علة اشتراكها من ذاتها فهي بعضها، فذلك البعض أقدم من باقيها، ولأن العلة قبل المعلول بالذات كما بينا في كتابنا على "المباينة". فيكون الشيء الذي هو أحد المحسوسات، أو ما يلحق المحسوسات، أعني جميع الأشياء، إما وحدة فقط، وإما كثرة فقط، وإما كثرة مع وحدة مشتركة ويلحق في وحدة فقط ما يلحق في الكثرة والوحدة التي قدمنا البحث منهما. فينبغي أن تكون وحدة وكثرة مشتركة، ويكون اشتراكهما بالبخت، أو بعلة منهما، أو من غيرهما.

فيلحق في البخت ما قدمنا من الخلف، وفي اشتراكهما من ذاتهما أن يكون الاشتراك علة من الذات، ويخرج هذا بلا نهاية، فتكون علة لعلة، وعلة لعلة، إلى ما لا نهاية. وقد تبين أنه لا يمكن أن يكون شيء بالفعل بلا نهاية، فليس يمكن لأن يكون اشتراك الوحدة والكثرة بعلة من ذاتهما. فلم يبق إلا أن يكون لاشتراكهما علة أخرى غير ذاتهما أرفع وأشرف منهما وأقدم. إذ العلة قبل المعلول بالذات كما قدمنا في المقالات التي قلنا فيها على "المباينة" وليست بمشاركة لهما، لأن المشاركة تجب في المشتركات كما قدمنا، بعلة خارجة عن المشتركات. فإن كانت كذلك خرجت العلة بلا نهاية، ولا نهاية في العلة ممتنع، كما قدمنا، إذ ليس يمكن أن يكون شيء بالفعل لا نهاية له.

وأيضاً ليست بمجانسة لهما لأن اللواتي في جنس واحد، ليس منها شيء أقدم من شيء بالذات، كالإنسانية والفرسية اللتين من جنس الحي، اللتين ليست واحدة منهما أقدم من الأخرى بالذات. والعلة أقدم من المعلول بالذات، فليس علة اشتراك الكثرة والوحدة مع الأشياء الكثيرة الواحدة في جنس. وإذ ليس هي معهما في جنس، فليست معهما في شبه واحد، لأن المتشابهة في جنس واحد، وفي نوع واحد، كالحمرة والحمر، والشكل والشكل، وما كان كذلك. فليست علة اشتراك الكثرة والوحدة مع

Ficou claro, portanto, que a associação delas se faz por meio de uma causa. Agora, forçosamente, ou a causa faz parte da essência delas, ou a associação delas se faz em vista de uma causa extrínseca, que não faz parte da essência delas, sendo distinta e exterior a elas. Ora, se a causa de sua associação fosse proveniente de sua essência, então aquela seria uma fração desta e, por isso, seria anterior ao que dela restasse. Mas, visto que, por essência, a causa é anterior ao causado – como explicamos a respeito em nosso livro *A distinção* – então, a coisa que é uma dos sensíveis ou que está ligada aos sensíveis – quero dizer, todas as coisas – ou é unidade e nada mais, ou é multiplicidade e nada mais, ou é multiplicidade e unidade associadas. Agora, quanto à unidade e nada mais, decorreria aquilo que decorre quanto à multiplicidade e à unidade, que já tratamos na investigação a respeito. É forçoso, portanto, que unidade e multiplicidade estejam associadas [uma à outra], e que a associação de ambas ou seja por acaso, ou seja por meio de uma causa proveniente de ambas, ou proveniente daquilo que não é nenhuma delas duas. 65/15 65/20

Agora, estarem vinculadas por acaso, tem [como consequência] o absurdo do qual já tratamos. Quanto à sua associação provir da essência de ambas, seria [o caso] em que a associação seria uma causa por parte da essência, e isso iria ao infinito pois haveria uma causa da causa, causa da causa, ao infinito. Ora, como já explicamos que não é possível que alguma coisa seja infinita em ato, então, não é possível que a associação da unidade com a multiplicidade se faça por meio de uma causa que provenha da essência de ambas. Resta, portanto, que a associação de ambas seja [por] uma causa exterior, que não é da essência de ambas, [mas é] mais altiva, mais nobre e anterior a elas, visto que, por essência, a causa vem antes do causado, tal como antecipamos nos tratados de *A distinção*, onde falamos sobre isto. Agora, a [causa] não está associada a elas, visto que o que está associado necessita nas [coisas] associadas – como já antecipamos – de uma causa extrínseca aos associados, pois, se [não] fosse assim, as causas iriam ao infinito. Ora, é impeditivo o infinito quanto às causas – como [também] já adiantamos –, visto que não é possível que alguma coisa seja infinita em ato. 65/25 67/0 67/5

Além do mais, [tal causa] não lhes é homogênea⁶ pois para aqueles que estão num mesmo gênero não cabe que alguma coisa seja anterior a outra por essência, tal como “humanidade” e “cavalidade”⁷, os quais estão no gênero “vivente”, e nenhum dos dois, por essência, é anterior ao outro. Ora, por essência, a causa é anterior ao causado e, portanto, a causa da comunidade da multiplicidade com a unidade junto às coisas múltiplas-unas não está num [mesmo] gênero. Posto que ela [causa] não está num [mesmo] gênero com aquelas, não sendo semelhante a elas, visto que os assemelhados estão num mesmo gênero e numa mesma espécie, tal como o vermelho com o vermelho, a figura com a figura, e outras assim. Portanto, a causa da comunidade da multiplicidade e da unidade junto às coisas múltiplas-unas não se dá num [mesmo] 67/10

⁶ Isto é, do mesmo gênero.

⁷ O exemplo é retomado por Ibn-Sīnā na célebre passagem da metafísica.

الأشياء الكثيرة الواحدة من جنس ولا شبه ولا مشاكلة، بل هي علة كونها وثباتها أعلى وأشرف وأقدم منها.

فقد تبين أن للأشياء جميعاً علة أولى غير متجانسة، ولا مشاكلة، ولا مشابهة، ولا مشاركة لها، بل هي أعلى وأشرف وأقدم منها، وهي سبب كونها وثباتها. وهذه العلة لا تخلو من أن تكون واحدة أو كثيرة، فإن كانت كثيرة ففيها الوحدة، لأن الكثرة إنما هي جماع أوحاد، فهي إذن كثرة ووحدة معاً، فتكون علة الكثرة والوحدة، الوحدة والكثرة، والشيء إذن علة ذاته، والعلة غير معلول، فالشيء غير ذاته، وهذا خلف لا يمكن. فليس العلة الأولى كثيرة ولا كثيرة وواحدة، فلم يبق إذن إلا أن تكون العلة واحدة فقط، لا كثرة معها بجهة من الجهات.

فإذا اتضح أن العلة الأولى واحدة، والواحد موجود في الأشياء المعلولة قد قدمنا على كم نوع يقال الواحد في الأشياء المحسوسة، وما يلحق المحسوسة فقد ينبغي أن نبين بأي نوع توجد الوحدة في المعلولات، وما الوحدة الحق، وما الوحدة بالمجاز لا بالحقيقة، فيما يتلو هذا الفن. ولنكمل هذا الفن.

gênero, não [tem] semelhança nem são afiguradas. Antes, ela é a causa do ser e da estabilidade daquelas, mais alta, mais nobre e anterior a elas.

67/15

Assim, fica claro que todas as coisas tem uma causa primeira não-homogênea, não-afgurada, não-assemelhada e não-associada⁸ a elas. Antes, ela é mais alta, mais nobre e anterior a elas. Ela é a causa do ser e da estabilidade delas. Forçosamente, pois, ou essa causa é uma ou é múltipla. Ora, se ela fosse múltipla, então, nela haveria a unidade, visto que a multiplicidade nada mais é do que um conjunto de unidades. Logo, ela seria uma multiplicidade e uma unidade, simultaneamente. Assim, a causa da multiplicidade e da unidade seria a unidade e a multiplicidade, e dessa maneira, a coisa seria a causa de sua essência. Por outro lado, como a causa é outra que o causado, então a coisa seria outra que sua essência, o que é absurdo, impossível. Portanto, a causa primeira não é múltipla – e tampouco múltipla e uma [simultaneamente]. Resta, portanto, que ela seja uma causa única e nada mais, sem que haja, sob qualquer aspecto que seja, multiplicidade alguma com ela.

67/20

67/25

Conseqüentemente, evidenciou-se que a causa primeira é una e que o “um” existe nas coisas causadas – já adiantamos de quantos modos se diz o “um” nas coisas sensíveis e naquilo que está vinculado aos sensíveis. Assim, na sequência desta seção, é forçoso explicarmos de que modo a unidade encontra-se nos causados, o que é a unidade verdadeira e o que é a unidade por metáfora – e não na realidade. Que encerremos, pois, esta seção!

69/0



⁸ Indica-se fórmulas da teologia negativa.